

O radiorrepórter

No *Joelma* eu
também chorei

MILTON PARRON

MILTON PARRON

é jornalista, tendo iniciado sua carreira na Rádio Avaré (SP), depois transferindo-se para a Rádio Jovem Pan, onde foi redator, editor, repórter esportivo, plantão esportivo, repórter policial, repórter geral e, por 15 anos, repórter especial. Estudioso da história do rádio, atualmente é responsável pelo programa *Memória* da Rádio USP.

“C alma! Sobriedade! Sem exagero!”

Soava muito mais como solidariedade do que repreensão, a orientação que pipocava nos meus fones. O alarido era imenso e mal podia escutar o que me era transmitido, misturado ao ronco de motores de caminhões em manobras arrojadas, sirenes pedindo passagem, pessoas gritando, histéricas. Uma verdadeira ante-sala do inferno que eu só conhecia da literatura de Dante.

O calor era insuportável porque, afinal, não mais de vinte metros separavam nossa equipe de uma gigantesca fogueira, da qual brotavam chamas e uma negra cortina de fumaça, que se alçava como uma densa coluna e, espalhando-se no alto, toldava o céu, tornando o sol daquele verão de 1974 vermelho como brasa. No meio das chamas, mal se vislumbrava a silhueta do prédio de mais de vinte andares. Quando a fumaça varrida pelo vento permitia, viam-se, nas janelas já sem vidraças e, no terraço, amontoadas junto à mureta, dezenas de pessoas indefesas, demonstrando desespero nos semblantes e nos gestos. Elas não tinham como fugir, porque ficaram acuadaas pelo fogo de um lado e pelo abismo do outro. Muitas tapavam o rosto com panos, tentando dessa forma buscar o oxigênio que as chamas consumiam.

80 anos de rádio

Eu estava diante de um enorme desafio, entre muitos outros que a minha profissão me impôs ao longo da vida. Estava diante do *Joelma*!

Era uma manhã radiosa aquela sexta-feira, 1º de fevereiro de 1974, com um bonito sol de verão prometendo um prazeroso final de semana nas praias, já que estaria de folga naquele plantão. Conversava justamente sobre isso com Paulo Rodrigues, motorista da unidade de reportagem da Jovem Pan, que me acompanhava na cobertura de trânsito naquele dia. Nossa viatura, como as demais da emissora, era equipada com um transreceptor que possibilitava pôr no ar entrevistas e boletins, desde que não fossem muito longos, uma vez que a fonte de alimentação de energia era a própria bateria do carro.

Estávamos na Avenida 23 de Maio, do aeroporto para a cidade, na altura da Avenida Paulista, quando a redação nos chamou, perguntando sobre a nossa posição e, em seguida, determinou que fôssemos imediatamente para a Praça da Bandeira, onde um grande incêndio estava ocorrendo. Quem avisou à redação, aliás, foi o próprio diretor de jornalismo da Jovem Pan, Fernando Vieira de Melo, que por ali passava no exato momento em que os primeiros rolos de fumaça surgiam das janelas do 12º andar do *Joelma*. Olhei para o relógio, faltavam cinco minutos para as nove horas. Trafegando a toda velocidade, cruzando o canteiro central, andando um trecho na contramão, invadindo bloqueios, chegamos ao *Joelma* dez minutos depois, quando lá só estava uma viatura leve dos bombeiros, dessas que chegam antes para averiguar a extensão do fogo e avaliar o efetivo que precisa ser mobilizado. Algumas cordas de isolamento já estavam sendo providenciadas pelos policiais militares e funcionários da Câmara Municipal, cuja garagem ficava também na Rua Santo Antônio, quase em frente à entrada principal do *Joelma*.

Ao manobrar para estacionar nosso carro numa ilha bem em frente ao edifício em chamas, percebemos que um volume envolto numa lona preta, sobre a calçada, dificultava o caminho. Saltei para arrastá-lo,

quando percebi que se tratava de um cadáver, a primeira vítima do incêndio, que, em desespero, lançara-se do alto do prédio. O corpo havia sido coberto, piedosamente, mas agora ninguém mais lhe dava atenção, porque do outro lado da rua muitas outras cenas de emoção começavam a se desenrolar. Mal estacionamos, quando surgiu, esbaforido e arcado sob o peso de cabos, microfones e amplificadores, o operador de som Natal Baldini, com a incumbência de encontrar algum telefone junto ao qual pudesse montar toda a parafernália necessária nas transmissões de duração maior do que a permitida pelo equipamento móvel.

Interessante a vida do repórter. Quando seguíamos para o incêndio, minha preocupação estava concentrada em outro problema: havia comprado na Ducal, em prestações, um terno azul-marinho que resolvi estrear justamente naquela sexta-feira. Já imaginava que iria perdê-lo, como, aliás, já havia acontecido com muitas outras roupas e sapatos em coberturas igualmente catastróficas. Estava envolvido nesses devaneios, quando o motorista Paulo exclamou: “Minha Nossa Senhora!”.

A silhueta do *Joelma*, semi-oculta por outros prédios, surgiu aterrorizante em meio a enormes labaredas. Só então percebi toda a gravidade da situação e deixei de lamentar a provável perda do terno novo.

Lembro-me, também, do horário em que transmite o primeiro boletim sobre o incêndio: faltavam cinco minutos para as nove horas. Lacônico, dei as informações que a redação me havia passado: “Um incêndio está irrompendo, neste momento, em um prédio localizado na Praça da Bandeira. Os bombeiros ainda não chegaram ao local e não sabemos até agora se o edifício é comercial ou residencial. Em instantes, voltaremos a informar com mais detalhes”. Quem ouviu nem de longe poderia imaginar que estava começando a maior tragédia da cidade, na qual morreriam 179 pessoas e outras 300 resultariam feridas. O *Joelma* era um prédio comercial de vinte e cinco andares, sendo os dez primeiros ocupados com garagens. E, ape-



sar de ainda ser cedo, 756 pessoas já estavam trabalhando no seu interior.

O segundo boletim, já com cores mais dramáticas, foi transmitido da frente do edifício em chamas, enquanto estacionávamos o carro de reportagem. A terceira intervenção começou pouco depois das nove horas, no momento exato em que chegavam as primeiras autobombas, e se estendeu até às nove da noite. Foram doze horas de transmissão ininterrupta – um dos boletins mais longos que já fiz. Juntaram-se a mim outros colegas, alguns chamados de volta das férias, somando mais de vinte repórteres. Quase todos foram deslocados para guarnecer pontos estratégicos, como hospitais, Departamento de Trânsito, delegacias e Central de Polícia, Sabesp, IML, Corpo de Bombeiros, gabinete do prefeito, Palácio do Governo, etc. Na frente do edifício permaneci sozinho e, nos fundos, ficou Ubirajara Valdez.

“Calma! Sobriedade!...”

Quarenta pessoas suicidaram-se, saltando dos mais variados andares, porque não suportaram o martírio do calor e da falta de oxigênio. Vinte e uma dessas mortes foram por mim relatadas, e acredito que, até hoje, não se registrou semelhante desafio. Uma multidão, contida por cordas de isolamento, se dava as mãos, orava em voz alta; outros soluçavam, enquanto muitos gritavam histericamente e até desmaiavam. A mim não era dado o direito de manifestar qualquer reação emocional, até porque tinha sido doutrinado para manter a frieza e a racionalidade em situações como aquela. Não era uma missão fácil, razão pela qual, como conta-gotas, vozes da redação, alternando-se, continuavam me alertando para o nosso manual de conduta: “Calma! Não exagere!”.

O Joelma, em verdade, não era uma experiência nova para mim, que, àquela altura, já tinha no currículo dez anos de “janela” e, seguramente, uns vinte incêndios, entre eles a explosão do Gasoduto de Santos; a destruição do Bazar Lord, na Rua Direita; os incêndios nas Indústrias Matarazzo, na Água Branca, e na fábrica de brinquedos Estrela, no Pari; isso, sem



falar nos desastres de avião e de trens – ou seja, tinha um certo *know-how* para aquele trabalho, ou pelo menos pensava ter, até que me vi diante do espantoso, do inacreditável.

Do local onde nos posicionamos, a menos de vinte metros da entrada principal do prédio, e lá tendo chegado antes mesmo das primeiras brigadas de combate a incêndio dos bombeiros, não apenas assisti a todas as cenas daquela tragédia como, também, tive de transmiti-las, incluindo as mortes daqueles que se atiraram e se espantaram no asfalto diante de mim. Alguns daqueles infelizes despencaram silenciosamente, deixando a vida sem alarido, enquanto outros atravessaram o abismo com gritos guturais, vindos do mais profundo da alma, e eu os tenho gravados até hoje na memória. Cada grito era como uma punhalada no coração, embargava a voz, sufocava, despertando a vontade de também gritar, chorar, sei lá! Sentia o desalento, o pavor daqueles que estavam sitiados nos beirais das janelas dos vários andares, buscando, desesperados, um pouco de ar para respirar, restando-me apenas rezar para que a salvação os alcançasse antes das chamas.

O incêndio foi dado por extinto por volta das onze horas, e, às duas da tarde, todos os sobreviventes já haviam sido resgatados. Nosso trabalho, porém, continuou porque de todos os cantos da cidade choviam indagações sobre o paradeiro das vítimas, demonstrando que, em momentos como esse, o rádio presta um serviço inestimável à coletividade. Imagine-se que dificuldades enfrentariam os hospitais ou o IML tendo de dar informações isoladas aos parentes de cada uma das vítimas.

Passava das quatro da tarde quando chegaram ao local do incêndio dois funcionários da Jovem Pan com algumas caixas de isopor cheias de sanduíches, sucos de laranja e leite. Apesar de não ter me alimentado desde o jantar da noite anterior, não sentia fome e, ademais, o estômago manifestava repulsa diante da simples idéia de ingerir alguma coisa. Mal alimentados, cansados fisicamente, pressionados pelas repetidas cenas de emoção e de terror a que

estávamos assistindo havia horas, ansiávamos pela chegada do programa da Agência Nacional “A Voz do Brasil”, transmitido obrigatoriamente em rede nacional, significando que teríamos uma hora de folga para, ao menos, poder respirar. Ledo engano! O Ministério da Justiça nos liberou desse compromisso em favor da continuidade da transmissão do incêndio, já que entendia tratar-se de uma prestação de serviço imprescindível naquele momento. Até aquela data nunca tal fato havia ocorrido, nem mesmo por ocasião das graves crises institucionais, dentre outras as decorrentes da renúncia do presidente Jânio Quadros e da deposição do presidente João Goulart. Contribuíram para a liberação dois detalhes da nossa transmissão: o primeiro, ocorrido às dez e meia, quando um ouvinte que estava no alto de um prédio do outro lado da Praça da Bandeira observou que uma mulher encontrava-se pendurada numa janela na altura do 13º andar do edifício em chamas, prestes a se atirar. Uma densa camada de fumaça subia dos andares inferiores, rente à parede, impedindo que a mulher fosse vista. O ouvinte, que se identificou como Joel, conseguiu avistá-la exatamente por estar no mesmo plano e numa posição lateral. Certo de que não chegaria a tempo de avisar os bombeiros se tivesse de cruzar toda a praça tomada por uma multidão – e, assim mesmo, talvez nem conseguisse ser ouvido –, resolveu telefonar para a Jovem Pan e, no ar, descreveu o que estava presenciando. Corri ao capitão Caldas, um dos oficiais dos bombeiros em comando, e coloquei um fone no seu ouvido. Começou, então, uma incrível operação de salvamento. Balizado pelas informações do ouvinte, o capitão Caldas passou a orientar o sargento que operava a escada Magirus, que foi deslocada para o local onde se encontrava a mulher. Foi um dos momentos de maior emoção que já vivi, especialmente quando notei que o soldado no topo da escada começou a gesticular, sinalizando que havia localizado a vítima, que, entretanto, encontrava-se um andar acima do topo da escada. Que nobreza de alma move esses soldados do fogo! Apesar

de ter de enfrentar a fumaça, o fortíssimo calor, as explosões de vidraças e dos aparelhos de ar-condicionado, aquele bombeiro permaneceu equilibrado no último degrau da escada, dezenas de metros acima de nossas cabeças, conversando com a mulher, procurando acalmá-la, esticando-se todo, tentando apanhá-la com as pontas dos dedos, como se tivesse forças físicas para sustentá-la. De repente, a mulher despençou. Quis a Providência, no entanto, que o esforço daquele homem não fosse em vão, e a vítima acabou caindo sobre a escada e sobre ele, rolando ambos pelos degraus. Ficaram feridos, ele bem mais que ela, mas salvaram-se; e a multidão emocionada prorrompeu em aplausos, enquanto ambos eram colocados na ambulância que os levou para o hospital. Ao meu lado, com o fone ainda no ouvido, o capitão Caldas sussurrou: “É um grande soldado”. Até hoje não descobri se foi por causa da fumaça ou da emoção que os olhos do capitão ficaram marejados de lágrimas. Confesso que os meus também. O segundo fato foi semelhante ao primeiro: dos lados da Praça Ramos de Azevedo, outro ouvinte, que também acompanhava os acontecimentos a distância, telefonou para nossa redação para informar sobre um foco de incêndio – para ele claramente visível – que estava irrompendo em um dos andares, quando as operações de combate às chamas já haviam sido praticamente encerradas. Levado o fato ao conhecimento dos bombeiros, reiniciou-se a luta a tempo de evitar que o incêndio recrudescesse.

Passava das onze da noite, quando o capitão Caldas foi até a minha viatura, tomou um copo de suco de laranja e perguntou se eu não queria entrar no prédio que,

àquela altura, já não oferecia perigo. Resolvi acompanhá-lo e levei comigo o operador Natal Baldini e o motorista Paulo Rodrigues.

Tenebrosas – é o termo mais adequado para as cenas que vimos. Iluminado apenas por holofotes, sobressaíam no vazio as sombras lugubrememente projetadas nas paredes. O cheiro forte de fumaça misturava-se ao odor inconfundível das churrasqueiras. Associar o cheiro aos fatos era uma reação elementar, e aquilo nos causou náuseas. Foi o instante em que a emoção superou a sobriedade e desabei num choro convulso. Ainda me lembro do abraço fraterno daquele valoroso oficial dizendo que as lágrimas eram a mais sincera homenagem que poderíamos prestar àqueles que não tinham sido salvos.

Só deixamos a Rua Santo Antônio no dia seguinte, às dez horas da manhã, depois de completar mais de vinte e quatro horas de permanência no local da tragédia. Seguiram-se dois dias de sono intranquilo, em que eu acordava seguidamente, abalado por pesadelos. E assim foi, aliás, por três a quatro anos. Muitas vezes, despertei de sonhos com incêndios pavorosos, nos quais as pessoas, pedindo socorro, atiravam-se do alto de prédios, estatelando-se no asfalto. Cenas de sonho que um dia, infelizmente, presenciei na vida real, e que ficaram definitivamente gravadas em minha memória.

Por essa cobertura, recebi vários dos prêmios de rádio da época, além de inúmeras moções dos legislativos municipal, estadual e federal. Depois de algum tempo, me desfiz de todas essas lembranças, porque sempre que as fitava surgiam à minha frente imagens que eu desejo esquecer e não quero presenciar nunca mais.